

a casa onírica

VI semana fernando furlanetto

**VI semana fernando furlanetto
a casa onírica**

**De 26 de abril a 11 de maio de 2003
Espaço Cultural Fernando Arrigucci
São João da Boa Vista . SP**

a casa onírica

curadoria: juliana monachesi

sala fernando furlanetto

curadoria: antônio carlos lorette

a casa onírica

Juliana Monachesi

Na cidade dos sonhos onde desemboca a estrada perdida há uma casa em chamas. A imagem da casa nos filmes de David Lynch, a casa assassinada de Lúcio Cardoso e a casa de devaneio de Gaston Bachelard habitam subterraneamente esta exposição. No térreo desta construção curatorial, 16 artistas exploram o imaginário ligado à idéia de casa: a casa como memória, símbolo, cuidado, obstáculo, ilusão, mistério, incômodo, sonho, ruína dos sonhos. Graziela Kunsch, a 17ª artista convidada para a exposição, não expõe trabalho nenhum na estação, seu trabalho é habitar temporariamente uma casa em São João da Boa Vista, um work in progress emblemático da atual migração de exposições e discussões sobre arte para o âmbito doméstico.

Uma exposição cuja idéia norteadora é o conceito de casa parte, necessariamente, de uma constatação histórica do momento em que os artistas passam a incorporar como matéria-prima de suas obras os objetos de seu entorno. De

Duchamp à arte pop, muitos são os usos e significações que utensílios, móveis e objetos pessoais ganham na produção artística. No Brasil contemporâneo, do colchão-pintura de Leda Catunda aos livros e lâmpadas de Sandra Cinto, das canecas e colheres de Arthur Bispo do Rosário à sala vermelha de Cildo Meireles, inúmeros são os exemplos de casa poetizada na arte.

Gustavo Rezende constrói uma peça que dialoga com a tradição escultórica moderna, mas insere nesta história uma cisão, ao revestir a escultura com embalagens de produtos alimentícios consumidos por ele. Também Odires Mlászho opta, aqui, por trabalhar com refugos domésticos: ele confere caráter glamouroso a insignificantes cadáveres domésticos: sabonetes gastos e pequenas sujeiras da casa. Em ambos os casos, estes detritos transformados em relíquias ou "restos invertidos de grandes ambições", nas palavras de Certeau ao designar o enfraquecimento da significação dos lugares, resgatam a poesia do desperdício.

Rochelle Costi, Martha Lacerda e Domitilia Coelho catalogam usos e desejos de casa. Três momentos do inventário da domesticidade que Rochelle realiza há anos estão presentes na exposição: uma fotografia de série "Quartos", que evidencia como o cuidado na decoração e a primitividade do sentimento de ninho desconhece separações de classe; uma imagem da série "Pratos Típicos", que revela a dimensão de intimidade da tarefa de cozinhar; e outra da série "Mãos de Ouro", que resgata o trabalho de amor das práticas manuais femininas e das "artes domésticas".

Na instalação "Enxoval", Martha constrói com papel rendado objetos típicos de um enxoval de noiva: a colcha da cama, as fronhas dos travesseiros, a toalha de mesa, tudo envolto por uma cortina indevassável. Este trabalho surpreende o quanto há de "realeza" nos enxovais, pois é costume dar aos noivos tudo o que há de mais refinado na família, peças que dificilmente serão usadas por serem preciosas demais. Por conta do tamanho apequenado dos objetos, a artista instaura um estranhamento, como a indicar a infantilização de tudo o que se mantém intocável.

É da ordem do intocável a imagem escancarada na instalação de Domitilia. Aqui, o acesso ao ambiente interno indevassável é tornado possível porque a artista fotografa páginas de revista de decoração, casas dos sonhos tornadas públicas por uma ideologia de consumismo. A obra da artista mimetiza um backlight em proporções agigantadas, revelando sua estrutura: lâmpadas e fiações elétricas aparentes evocam, entretanto, as moradias da população de baixa renda, criando uma situação de verso e reverso não apenas entre público e privado como também entre cotidiano e devaneio.

Os sonhos de abrigo e refúgio estão representados na exposição de múltiplos pontos de vista: Gabriela Oliveira oferece um panorama poético da morada familiar. Sua pintura "O Homem, a Mulher e a Criança" convida o espectador a contemplar um idílio, ao mesmo tempo em que ironiza a representação pictórica como janela para o mundo. Já Caio Reisewitz, nas fotografias da série "Ocupação", escarnece do sonho de proteção e felicidade da nova morada: seus closes de folhetos publicitários anunciando empreendimentos imobiliários distorcem as

idealizações burguesas, cuja marca registrada são os nomes estrangeiros que batizam seus condomínios-prisão: Maison du Soleil, Miami Gardens etc.

Sylvia Furegatti põe em questão o sonho da casa própria em uma instalação interna compreendida por paredes obtusas que hospedam móveis impossibilitados de propiciar conforto. Segundo a artista, trata-se de investigar as expectativas e fantasias particulares que movem as pessoas a projetar suas casas, o que pode ser vivenciado no vídeo com depoimentos de proprietários de construções em fase de acabamento. Paulo D'Alessandro sobrepõe em fotografias enigmáticas edifícios em construção, histórias de demolições, casuísmos do sistema imobiliário e ruínas.

Nos trabalhos de Amilcar Packer, Fabiano Marques e André Komatsu nota-se um desejo de tecer os lugares domésticos. As fotografias de Packer pressupõem um caminhar entre quatro paredes, uma interação paciente com os objetos da casa, como ao empilhar cuidadosamente três mesas para então escalar a frágil e efêmera escultura. Se, para Bachelard, "a casa é um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade" e distinguir todas

essas imagens equivaleria a desvendar a alma da casa, Packer revela aspectos instáveis e sinistros desta psicologia.

Michel de Certeau nos ensina que a prática do espaço é indissociável do lugar sonhado. "Caminhar é ter falta de lugar. É o processo indefinido de estar ausente e à procura de um próprio", escreve o pensador francês. Ao tecer infindáveis caminhos dentro de uma mesma sala, Komatsu, no vídeo "Pi", persegue o lugar sonhado. Na sua série de gravuras "Para Morar", a racionalidade arquitetônica é posta em xeque pela incisão de memórias: o "mapa" de um quarto não dá conta dos segredos guardados na última gaveta da cômoda do quarto da infância, por exemplo. Komatsu grava esse descompasso, afirma a impossibilidade de afirmar o imemorial. No desenho da casa em chamas inscrita dentro de outra casa, entretanto, o artista roça o imemorial.

As instalações de Marques, que ao longo da exposição adquirem diferentes configurações, jogam tanto com a idéia de arte como processo de reconstrução diária quanto com o princípio de mutabilidade do espaço íntimo, espelho da psique de seu habitante. Sua "Escultura de Garagem" ecoa lembranças do lugar de liberdade e experimentação na

a casa onírica

casa, mas que paradoxalmente também funciona como depósito. Segundo o artista, os dois trabalhos podem vir a intercambiar peças ao longo da mostra, configurando um "Capacitor Escultórico", que poria em evidência a capacidade que alguns sistemas tem de armazenar energia. A casa é um espaço de "capacitância".

Vanessa Poitena explora a energia do espaço vazio, do cômodo ainda por habitar. Seus trabalhos entremeiam a casa natal e casa nova, confundem a promessa e o provisório, ecoando as palavras de Bachelard: "Talvez seja bom guardarmos alguns sonhos para uma casa que habitaremos mais tarde, sempre mais tarde, tão tarde que não teremos tempo para construí-la. Uma casa que fosse final, simétrica à casa natal, prepararia pensamentos e não mais sonhos, pensamentos graves, pensamentos tristes. Mais vale viver no provisório que no definitivo".

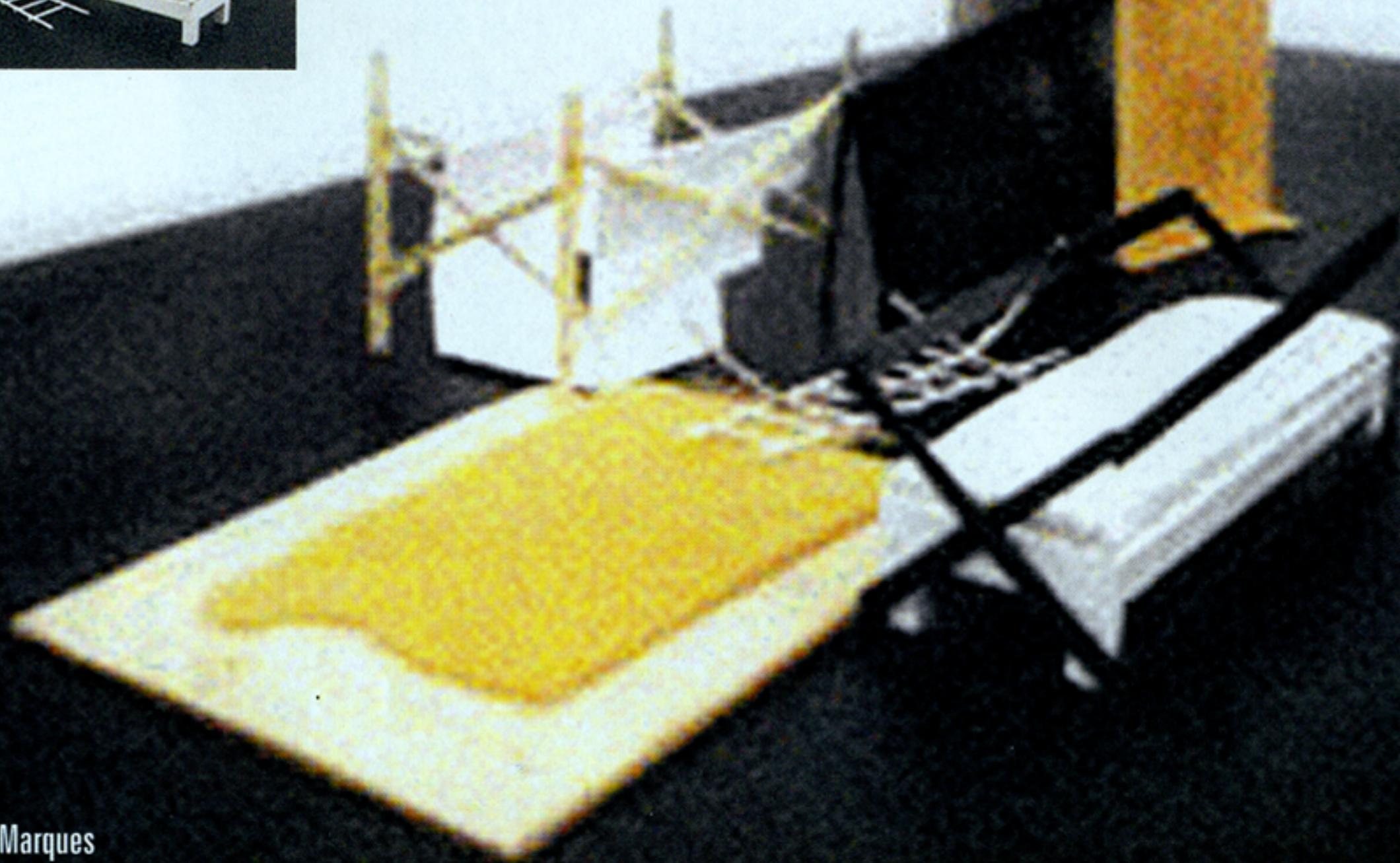
Na literatura brasileira, é emblemático o livro "A Crônica da Casa Assassinada", do escritor mineiro Lúcio Cardoso, em que se acompanha a ruína de uma aristocrata família mineira, uma saga que se desenrola nos limites de uma casa de fazenda. A casa desempenha o papel principal: os

personagens são feitos do cimento da casa e esta, da carne dos seus habitantes. A perspectiva dos temores que habitam a casa, da casa que sangra, que sofre, que abriga os mais trágicos segredos está representada na mostra sobretudo pelas obras de André Santangelo e Fafá Noronha, que desvendam ralos e gavetas: compartimentos sombrios, receptáculos do real.

Finalmente, Raquel Garbelotti e Graziela Kunsch curto-circuitam a "Casa Onírica": com a vídeo-instalação "Boa Vista", Raquel questiona o abandono de estações ferroviárias em todo o Brasil apresentando um retrato em quase-movimento da estação da cidade de Resende, que foi transformada em cortiço. Graziela leva a São João a experiência do Centro de Contracultura (Casa da Grazi), que funcionou em São Paulo em 2002, demonstrando que a potência maior da arte contemporânea está na rua ou está na casa - duas possibilidades não antagônicas de encontro, troca e afeto. A epifania acontece na rua ou acontece na casa e, do ponto de vista do museu, a casa é rua também. Teríamos chegado a um descompasso tal que a "epifania da arte" só não é mais possível em espaços tradicionais?

a casa onírica





Fabiano Marques





ficha técnica das obras

Amilcar Packer

Still de Vídeo Sem Título #42, 2000

Ampliação fotográfica

119 x 167 cm

cortesia Galeria Vermelho

André Komatsu

Nada Série "Para Morar 1" (construção/desconstrução do projeto de concreto imaginário e real), 2002

Monotipia sobre prancha arquitetônica

61 x 88 cm

cortesia Galeria Vermelho

André Santangelo

Ralo, 2003 (detalhe)

Instalação na parede com fios de cabelo, água, tubos plásticos e bombas hidráulicas

Dimensões variáveis

Caio Reisewitz

(à esquerda) Ocupação, 2001

C-Print

123 x 123 cm

(à direita) Ocupação, 2001

C-Print

123 x 123 cm

Domitilia Coelho

Sem título, 2001/2002 (detalhe)

Fotografia impressa em lona, conexões elétricas, fios e espelhos

210 x 400 x 315 cm

Fabiano Marques

The Siestawatch, 2001

Instalação com materiais diversos

12m²

Fafá Noronha

Sem Título, 2003 (detalhe)

Madeira, gavetas e materiais diversos

Dimensões variáveis

Gabriela Oliveira

O Homem, a Mulher e a Criança, 2001

Acrílica sobre tela

75 x 78 cm

Foto: João Caldas

Graziela Kunsch

(à esquerda) No centro, Graziela Kunsch, com artistas na Casa da Grazi, em São Paulo. Interferência (desenho abaixo) de Tiago Judas. (à direita) Centro de Contracultura (Casa da Grazi), em São Paulo, projeto de residência artística cujo desdobramento é apresentado na VI Semana Fernando Furlanetto

Gustavo Rezende
Plumb e a Vastidão do Império, 2002
Embalagens e madeira
200 x 180 x 30 cm
Foto: Marcelo Arruda

Martha Lacerda
Enxoval, 2003 (detalhe)
Instalação com papel rendado, madeira, alumínio e arroz
300 x 400 x 180 cm

Odiros Mlászho
(à esquerda)
Coil 2 Série "Mortal Coil", 2002
Ampliação fotográfica digital
120 x 80 cm
cortesia Galeria Vermelho
(à direita)
Outono Transfigurado, 2002
Ampliação fotográfica digital
158 x 125 cm
cortesia Galeria Vermelho

Paulo D'Alessandro
Sem Título, 2002
Fotografia
58 x 200 cm

Raquel Garbelotti
Boa Vista, 2002
Vídeo
Dimensões variáveis
Foto: Orlando Maneschy

Rochelle Costi
Pratos Típicos, 1997
Impressão eletrostática sobre vinil
250 x 310 cm

Sylvia Furegatti
A Própria Casa - Série "Arquiteturas Prováveis"
Instalação (ambiente construído, vídeo e desenhos)
400 x 200 x 220 cm
Maquete: Priscila Azevedo

Vanessa Poitena
In Memoriam Série "Já Pensou em Quantas Casas Habitou?
Já Pensou em Quantas Casas Sonhou Habitar?", 2003
(detalhe)
Fotografia
80 x 120 cm

Realização

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOÃO DA BOA VISTA
Departamento de Cultura e Turismo

Prefeito Municipal

Laert de Lima Teixeira

Vice Prefeito Municipal

Plínio Antônio Pereira Quinete

Diretora do Departamento de Cultura e Turismo

Mônica Tranjan Real Orrú

Presidente da Câmara Municipal

Roberto Carlos Valim Campos

Curadoria

Juliana Monachesi

Produção e Montagem

ateliêaberto - Samantha Moreira e Fábio Luchiari
assistente de montagem - Francisco Ivan Russo
estagiária de produção - Maryana Real e Orrú
colaboração - Hélio Correa da Fonseca Filho

Design Gráfico

big staff mídias

agradecimentos especiais

Laert de Lima Teixeira, Plínio Antônio Pereira Quinete, Mônica Tranjan Real Orrú, Roberto Campos, Sidney Beraldo, Hélio Correa da Fonseca Filho, Sônia Regina Peluque, Leandro Nogueira Garcez, Dorival Aparecido Cenzi, Antônio Carlos Lorette, Isabel Cristina Oliveira Vieira, Vanessa de Luca, Eduardo Guimarães (chefe de assessoria e comunicação), José Rubens Blassi Carvalho Rosa (presidente da Fundação Oliveira Neto), Vera Antakly Adib Perez (secretária da Fundação Oliveira Neto), José Marcio Carioca (tesoureiro da Fundação Oliveira Neto), Maria José Gargantini Moreira (presidente do conselho da Fundação Oliveira Neto), Juliana Monachesi, Samantha Moreira, Fábio Luchiari, Ronaldo Noronha, Érika Pozetti, Flávia Felipe, Galeria Vermelho, Galeria Brito Cimino, Paço das Artes, e a todos os artistas pelo interesse e dedicação.